

24.julho.1962 - 3ª Feira

A coisa mais rara que me pode acontecer, é entrar numa casa comercial, na secção de secos e molhados, para fazer alguma compra.

E não vou, não por orgulho, e nem também pelo fato de não precisar de comprar tais mercadorias.

Não. O motivo é bem outro.

É que, geralmente, as casas de comércio de nossa cidade, têm o seu serviço de entregas a domicílio.

Então, o que faço eu? Mando uma nota com a relação do que tenho necessidade e instantes após a mercadoria estará sendo entregue.

Mas, hoje pela manhã eu precisava de tão pouca coisa, que achei que seria um exagero ter de me servir da entrega a domicílio.

Por isso, criei coragem, estufei os peitos e segui para a casa comercial mais próxima.

Entrei. Estava, como as demais, com uma grande freguesia. Era gente para todo lado. Os caixeiros não venciam atender. Era um corre-corre tremendo.

Resignei-me a aguardar a minha vez.

E, enquanto esperava, fui observando o que havia em meu derredor.

Várias cenas despertaram a minha atenção.

Mas uma, não sei porque, prendeu mais o meu olhar.

Uma mulher, pobremente vestida, carregando ao colo uma criança de aspecto doentio, procurava comprar alguma coisa.

E, ao caixeiro que pacientemente a atendia, a pobre mulher ia indagando os preços das mais diversas mercadorias sem jamais se decidir por coisa alguma.

A criança, em dado instante, principiou a chorar.

A mulher parou alguns instantes e, enquanto o caixeiro atendia a outro freguês ali próximo, a mulher começou a embalar a criança em seu colo, procurando fazer com que ela adormecesse ao menos por alguns momentos.

Por fim, o empregado do estabelecimento retornou para atender a mulher.

E ela, entre indecisa em comprar o pouco que poderia adquirir do muito que precisaria, olhou penalizada para a criança que adormecera.

E, enquanto duas pesadas lágrimas relavam em sua face, e
la, deixando de lado tudo o que necessitava, abriu o "em-
brial", tirou alguns trocados, colocou-os sobre o bal-
cão, pedindo ao moço que a atendia, uma lata, apenas uma
lata de leite para alimentar o seu filho que chorava, sim
mas não por doença, e sim por ter fome, muita fome...

E não vou, não por orgulho, e nem também pelo fato de não
prestar de comprar tais mercadorias.

Não, o motivo é bem outro.

E que, geralmente, as casas de comércio de nossa cidade
têm o seu serviço de entregas a domicílio.

Então, o que faço eu? Mandar um nota com a relação do que
tenho necessidade e instantes após a mercadoria
está sendo entregue.

Isso, hoje pela manhã eu precisava de algumas coisas, mas
achei que seria um exagero ter de me servir de entregas a
domicílio.

Por isso, então, corri, entreguei as coisas e voltei para a
casa comercial mais próxima.

Então, estava, como os demais, com uma grande fome.
Mas como para isso não tinha dinheiro. Os caixeiros não vendiam afor-
ta. Era um corte-corte tremendo.

Resolvi-me a apresentar a minha vez.

E, enquanto esperava, fui observando o que havia em
redor.

Várias casas de comércio e minha atenção.

Mas não, não sei porque, quando mais o meu olhar.

Uma mulher, pobremente vestida, carregando no colo
criança de aspecto doente, procurava comprar alguma coi-
sa.

E, ao caixeiro que pacientemente a atendia, a pobre
mulher ia indicando os preços das mais diversas mercadorias
sem jamais se decidir por coisa alguma.

A criança, em vão insistente, principiava a chorar.

A mulher parou alguns instantes e, enquanto o caixeiro a
servia a outro freguês ali próximo, a mulher começou a se
balançar a criança em seu colo, procurando fazer com que ela
adormecesse ao menos por alguns momentos.

Por fim, o empregado do estabelecimento retornou para a
vender a mulher.

E ali, entre indolência em comprar o pouco que poderia
servir ao filho e a preocupação com a penalidade para a
criança que adormecesse.